

tangentes

por SANT'ANA DIONISIO
("SEARA NOVA", - 1938)

Sant'Ana Dionisio reuniu em volume vários ensaios de diversa índole. Nêles interferem pareceres éticos, estéticos, sociais, críticos, científicos e filosóficos. E digo deliberadamente *pareceres*, porque, à margem de toda a cultura do autor, que é vasta, ergue-se e prepondera a sua opinião de homem convivente, sensível e humano. Essa opinião, modelada, é certo, sob o influxo da cultura adquirida, exerce-se principalmente como função da inteligência—que é uma coisa que pode existir mesmo sem uma cultura vasta—aliada à sensibilidade. Assim, este livro, através de assuntos por vezes áridos, que não podem ser dominados por todas as inteligências, nem por todas as culturas (e é este um dos casos em que a crítica pode, ou mesmo deve afirmar a sua *humildade*), é essencialmente uma obra de sinceridade que se impõe à nossa simpatia. Alguns ensaios como *Reflexões sobre a contestação dos direitos naturais do homem*, *Pequena meditação sobre o cristianismo*, *Acêrca do bem e do mal*, *Regresso à primeira evidência: a da realidade do mundo sensível*, *A idéia de reversibilidade e de tempo*, *O eterno e o instante*, além de outros, elevam esta obra à altura duma profissão de fé (no melhor sentido da palavra) de alguém que muito embora deixando divagar o seu pensamento em volta de matérias que, cada uma delas só por si, seriam o bastante para encher uma vida, o faz sem o intuito de dessas divagações extrair paradoxos mais ou menos engenhosos, ironias mais ou menos penetrantes. O pensamento de Sant'Ana Dionisio é afirmativo, por vezes até corajosamente afirmativo, e quando se engana fá-lo expondo uma verdade interior que, pela coerência com que é apresentada deve ser ouvida, embora não possa tornar-se uma verdade de todos.

Sendo todos os ensaios deste livro preenchidos por assuntos de superior interesse, dois especialmente chamam a atenção da crítica literária, impossibilitada, por natureza, de entrar em terreno de especialização filosófica ou científica. São êles: *Da missão superior da crítica em função da cultura* e *A natureza da poesia*.

O primeiro, o mais considerável do livro pela extensão e pela maneira exaustiva como o assunto é tratado, procurando prever todas as objecções e cortar todas as saídas, tem, quanto a mim, independentemente de outros reparos, que allás já lhe foram feitos, o demérito de o conceito que ex-

prime procurar exercer-se sobre matéria que, desde início, está fora desse conceito. Para nos levar à conclusão de que a única crítica superior, a que melhor serve a cultura, não é a que julga nem a que explica, mas a que amplifica, tendo por base as idéas expostas ou simplesmente afloradas na obra criticada, Sant'Ana Dionisio dá-nos modelos desses três gêneros de crítica (que passam a ser quatro, visto que, segundo o autor de *Tangentes*, a crítica explicativa pode sê-lo pelo processo de compreensão ou pelo da chamada crítica «científica») aplicando-os a um romance de Dostolewsky. Qual é, porém, o objecto geral da crítica a que o autor se refere, para, dentro das suas diversas modalidades enaltecer a que preconiza como modelo acabado da crítica que melhor serve os interesses da cultura, ou seja a crítica valorativa? Fala-nos o autor, desde o princípio do seu ensaio, em crítica de Arte (com A grande). Mas através do longo ensaio raras vezes se nos deparam nomes de artistas. Em compensação Shakespeare, Racine, Dostolewsky, Flaubert, Byron, Goethe, etc., várias vezes são citados. Não se trata então de artistas? poderá perguntar-se. Sim, trata-se de artistas. Mas afigura-se-me que

o escritor, além de artista, é alguma coisa mais. Não pretendo com isto impôr a supremacia da literatura sobre a arte; pretendo apenas assinalar-lhes as diferenças. A literatura, para ser bela, tem de ter arte, pelo anseio natural de harmonia que nos faz a todos nós, espíritos não insensíveis às leis estéticas, tentar embelezar o que nos cerca; mas parece-me dum simplismo demasiado catalogar a literatura no plano de artes como a pintura, a escultura ou a música, embora seja moroso e difícil estabelecer o contrário. Seria curioso verificar os resultados do critério de S. D. aplicado a obras picturais ou escultóricas, por exemplo. De resto, o próprio autor de *Tangentes* proclama, sem o querer, a falência do seu critério crítico, quando afirma que «todo o juízo de valor estético é convertível nas fórmulas inanes do senso comum: «gosto», «não gosto», «é belo», «é feio», etc., e quando nos pergunta: «Depois de uma audição musical que é possível dizer sobre o que se passou no nosso espírito durante os instantes que ela durou?» Ocorre responder com outras perguntas: e o que diria a crítica amplificante sobre uma audição musical? Dar-nos-la a valorização das idéas contidas na

que é a dialéctica?

a qual nós acetaríamos a metafísica do nada!) exprimirá então o homem inteiro absorvido pela vida. É necessário que ela seja total, enciclopédica, perspectiva de solução e de acção ao mesmo tempo que integração do adquirido, da história. Ela deve responder ao grande problema: «Como viver? Que fazer?» e ser ao mesmo tempo universal e concreta, individual e social.

A dialéctica materialista parece satisfazer a estas exigências. Ela contém uma «síntese», uma unidade total do saber e da acção—uma determinação da essência do homem, não como sêr ideal e longínquo, mas como sêr vivo e verdadeiramente «o mais humano».

Regeitá-la, é regeitar talvez a ambição de viver,—a esperança e o desejo de viver humanamente. Visto que este mundo é despeçaçado por contradições, só a dialéctica permite vê-lo no seu conjunto e encontrar-lhe o sentido e a direcção. Num mundo contraditório, regeitar a teoria da contradição, é renunciar a pôr fim ao descalabro, e sobretudo ao conflito entre as expressões da vida e a vida.

(Tradução de J. A. N.)

música? Mas se, como o autor diz mais adiante: «As epígrafes e títulos musicais justificam-se apenas como convenções cómodas de identificação... A música que fala do regato—pode também falar do luar...» se se tomar como bom este critério, reunindo-o ao anterior tem-se que a música é uma arte sem crítica possível. Nada de crítica estética: todos os juízos de valor estético são vãos. Crítica de idéas? Como, se as idéas na música são as que o nosso subjectivismo pretender imprimir-lhe?

A confusão provém do velho erro de se colocar a literatura no mesmo plano das outras artes, ou antes, de se estabelecerem as premissas do problema falando das artes, e se tentar a sua solução por meio da literatura. Isto não quer dizer que, aplicando à literatura somente, o critério de S. D. tenha cabal justificação. A crítica de idéas, a-pesar-de muito respeitável, é, só por si, incompleta.

Creio que só o desejo de absolutamente fazer vingar o seu ponto de vista levou S. D. a escrever, na última das cento e setenta e tantas páginas deste ensaio (algumas das quais brilhantes) que «a Arte é uma maneira *sui generis*, (intuicional e sibilina) de pensar». Mesmo *sui generis*, intuicional e sibilina, a Arte seria, a aceitarmos esta reflexão, uma maneira de pensar. Ora o mesmo autor diz-nos mais adiante, em *A natureza da poesia*, que esta é, das artes, «aquela que envolve, em maior densidade, o que mais se distingue da arte:... o pensamento». Creio que aqui as idéas do autor não sofreram pressão. Esta afirmação é serena e judiciosamente justificada. A frase primeiramente citada é que carece em absoluto de justificação, parecendo estar all como um recurso de última hora.

O ensaio já referido sobre *A natureza da poesia* é um dos mais corajosos trabalhos que o livro apresenta, se tivermos em vista as idéas comuns àqueles dos literatos da hora presente que têm a mesma formação mental do autor de *Tangentes*.

O estilo de S. D., que tem sido acusado de obscuro, apresenta, aqui e além, faltas de gosto, como a escolha que parece propositada de vocábulos demasiadamente desusados, os frequentes parêntesis, e ainda, mercê da precipitação e falta de cuidado na revisão, algumas indecisões sintácticas.

Os *Teoremas de psicologia* são, como estilo, do melhor que há no livro,

JOÃO PEDRO DE ANDRADE